

CAPÍTULO 2 – ESCRITURA

A Escritura é a Palavra de Deus, a base epistemológica da fé cristã. Assim, passemos a analisar sua natureza, inspiração, unidade, infalibilidade, autoridade, necessidade, clareza e suficiência.

1. A NATUREZA DA ESCRITURA

A natureza da Escritura é proposicional, contendo somente palavras (2 Tm 3:14,15). Isso permite a transmissão de informação de forma precisa e unívoca, diferentemente de imagens, experiências e sons, que são ininteligíveis sozinhos.^{1,2} Ademais, a Bíblia arroga para si a qualidade de ser a Palavra de Deus, contendo registros que sequer poderiam ter sido experimentados por ninguém (Jo 1:1). Assim, ela mesma, como tal, é a própria revelação pública de Deus, sendo um fim em si mesma, não mero meio para outra revelação.³

Vale lembrar que a Bíblia é a única revelação pública de Deus disponível a nós, dado que contradiz todas as fontes de informação das cosmovisões não-cristãs.⁴ Assim, crer na Bíblia significa crer em Deus, e a atitude do homem para com ela reflete a atitude do homem para com o próprio Deus (Pv 22:17-21; Sl 19:9,10, 119:97,103). É impossível amá-la em excesso, e todo amor para com ela sempre será pouco, que se autoafirma e se autojustifica no que tange ao seu valor.

2. A INSPIRAÇÃO DA ESCRITURA

A Bíblia é inspirada por Deus, que soprou seus pensamentos aos escritores bíblicos na ocasião do processo da escrita. Quer dizer, apesar de ter sido escrita por homens falíveis, nenhuma parte do seu texto decorre meramente da vontade humana (2 Tm 3:16,17; 2 Pe 1:20,21). Antes, os materiais redigidos estão acima da inteligência natural de cada escritor, formando, ao pé da letra, um todo divino e orgânico, exatamente aquilo que Deus quis ter revelado ao homem (Jr 1:9; Êx 4:12).^{5,6} Além disso, vale lembrar que estes manuscritos totalizam 66 livros e são divididos entre Antigo e Novo Testamento,

fazendo cessar o cânon da revelação pública divina (2 Pe 3:15,16).⁷

A inspiração bíblica se deu por causação direta, não por mera correlação.⁸ Então, Deus diretamente soprou seus pensamentos aos escritores bíblicos, controlando-os totalmente enquanto escreviam o que deveria ficar registrado ao mundo. Essa causação direta se deu de duas formas. Primeiro (maior parte), via inspiração orgânica, na qual Deus expressou seus pensamentos utilizando a personalidade dos escritores bíblicos, que foram predestinados para isso desde a eternidade (Jr 1:4,5; Êx 4:11).⁹ Segundo e último (menor parte), via inspiração especial, a qual reflete a própria personalidade de Deus, decorrendo de voz do céu, dedo ou ainda ditação (Êx 20:1-17).^{10,11}

3. A UNIDADE DA ESCRITURA

A Escritura é una ou coerente, não contendo nela nenhuma contradição.^{12,13} Isso porque Deus é 100% coerente, jamais podendo se contradizer (Hb 6:18). Assim, lida mal com o texto bíblico quem conclui que há, nele, uma única contradição.¹⁴ Por exemplo, Jesus desafiou o diabo e os fariseus com a própria Escritura, pois se eles estivessem certos, então ela estaria errada (Mt 4:5-7, 22:41-46). Mas como isso é impossível, então o erro estava neles. De igual modo, não podemos tolerar contradições, devendo nós, antes, expô-las nas crenças anticristãs, confrontando os seus adeptos a abandoná-las.¹⁵

4. A INFALIBILIDADE DA ESCRITURA

A Escritura é infalível, jamais podendo errar (Jo 10:35; Lc 16:17). Ou seja, mais do que não conter nenhum erro, a Bíblia sequer pode conter algum erro.¹⁶ Além disso, a Bíblia é infalível em todo o seu texto, sendo a infalibilidade bíblica o axioma cristão, o princípio do qual surge a cosmovisão cristã, igualmente infalível. Ou seja, é tudo ou nada, equivalendo a negá-la totalmente qualquer negativa de seu texto (Mt 28:18). Portanto, se negarem qualquer parte da Bíblia, devem fazê-lo por outro axioma, sem utilizá-la para tanto.¹⁷ Mas como isso é impossível, sendo a Bíblia sempre pressuposta por

todos os axiomas, sempre triunfaremos em todos os debates.¹⁸

5. A AUTORIDADE DA ESCRITURA

A Escritura é autoritária, não havendo nada nem ninguém maior do que ela mesma. Isso porque as palavras “Deus” e “Escritura” são intercambiáveis em termos de autoridade, e não há nada nem ninguém maior do que o próprio Deus (Hb 6:13).¹⁹ Assim, a voz de Deus é a voz da Escritura, e obedecer a Deus é obedecer a Escritura.

6. A NECESSIDADE DA ESCRITURA

A Escritura é necessária para toda a civilização humana. Isso porque somente ela fornece todas as informações universais que são necessárias às questões últimas (2Tm 3:15).²⁰ Logo, a Bíblia sempre é pressuposta por todos os homens, ainda que de maneira implícita e que isso seja explicitamente negado pelos ímpios e não-cristãos.²¹

Em outras palavras, a necessidade da Escritura garante que venceremos qualquer debate apologético. Em vez de sermos tímidos e preguiçosos, devemos ser obedientes a Deus e aprender teologia para argumentarmos de forma coerente e lógica. Pois ao expormos corajosamente as premissas bíblicas implícitas nas falsas doutrinas, ficará evidente que elas se autodestroem em ceticismo e barbárie.²²

7. A CLAREZA DA ESCRITURA

A clareza da Escritura é relativa, contendo passagens difíceis de entender (2 Pe 3:16). Contudo, isso não significa que ela justifica interpretações erradas, pois além de estar correta em tudo quanto afirma, é clara o suficiente ao homem médio. Portanto, todo erro de interpretação é culpa exclusivamente nossa. É por isso que devemos crescer em teologia, hermenêutica e exegese a fim de nos tornarmos capazes de defender nossas crenças de forma abrangente e lógica.²³

O crescimento intelectual no texto bíblico é possível por

qualquer um que se esforce nesse sentido, mesmo que o faça sozinho. Isso porque todo homem tem acesso a Deus apenas por meio de Jesus, e porque o Espírito Santo não está morto (Jo 16:13). Portanto, a Escritura não é totalmente obscura à pessoa mediana, de maneira que professores humanos tais como amigos, igrejas e seminários são totalmente desnecessários para que possamos aprender de Deus.²⁴

Devemos pensar de nós mesmos apenas conforme a medida da fé que Deus nos deu (Rm 12:3). Contudo, muitos liderados sequer oram por sabedoria, leem as Escrituras sem nenhuma preparação e se acham tão competentes quanto seus líderes.²⁵ Por outro lado, muitos líderes pensam de si mesmos como se fossem totalmente necessários, em vez de se colocarem em seus próprios lugares de meros servos de Deus. Ambos estão errados e devem se corrigir.²⁶

8. A SUFICIÊNCIA DA ESCRITURA

A Escritura é suficiente para qualquer pessoa.²⁷ Isso pois só ela fornece todas as informações particulares que são necessárias às questões pessoais (2 Tm 3:16,17).²⁸ Assim, a Bíblia é compreensível no escopo, de modo que o conhecimento da vontade de Deus resulta de um entendimento bíblico inteligível.²⁹ Quero dizer, obedecê-la totalmente denota uma vida de perfeita obediência (Rm 12:2).^{30,31,32}

A suficiência da Escritura faz com que métodos extrabíblicos de orientação, como sonhos, visões, revelações e profecias sejam desnecessários para aprendermos de Deus. Mas isso não significa que Deus parou de utilizá-los.³³ Antes, desde que não contradigam a Bíblia, mas que apenas ensinem ou apliquem-na por essas ocasiões, cremos que Deus tanto pode quanto usa tais métodos de instrução.³⁴

Por outro lado, a Bíblia proíbe diversas formas de orientação, como astrologia, feitiçaria, necromancia, adivinhação, carma e várias outras práticas ocultas (Lv 19:31). Tais métodos são chamados de ultrabíblicos, que além de desnecessários também são proibidos.³⁵

¹ Por exemplo, Paulo não teria entendido nada se Jesus tivesse aparecido a ele sem mencionar nenhuma palavra. Isso também teria ocorrido com qualquer um que apenas tivesse visto a imagem de Cristo na cruz, sem nenhuma explicação verbal sobre o evento. Como saber que Cristo, ali, estava sendo injustiçado? Assim, é falsa a máxima de que mil palavras não valem uma imagem. Na verdade, mil imagens não valem uma única palavra.

² Isso tem a ver com a necessidade de palavras para que haja transmissão de informação entre mentes (correlação, não causação), conforme já vimos no tópico possibilidade da teologia.

³ Também já falamos isso anteriormente, porém no tópico natureza da teologia.

⁴ Ou seja, apenas a Escritura pode se autointitular cristã, de modo que apenas a pregação e os escritos bíblicos podem transmitir informações precisas e unívocas sobre Deus.

⁵ É uma inspiração forte, não uma que significa mera incitação ou estímulo a algo originado no próprio homem (p.ex., compor uma canção ou escrever um romance). Do contrário, daria margem para que houvesse registros não-confiáveis, tal qual há com pensamentos “originados” nas sensações. Lembrar do que falamos sobre ocasionalismo e epistemologia no tópico possibilidade da teologia.

⁶ O fato de a Bíblia ter sido inspirada por Deus confirma o que dissemos na natureza da Escritura, isto é, que palavras fornecem conhecimento unívoco em termos de qualidade (1Co 2:13). No caso, precisamente o que Deus quis ter revelado ao homem, não um conhecimento análogo, como apregoa Van Til e Bahnsen. Assim, em termos de qualidade, pensar a Bíblia significa pensar exatamente os pensamentos de Deus. Não em termos de quantidade, óbvio, pois só Deus é onisciente, sendo impossível sabermos tudo o que Deus sabe.

Ademais, por ser um livro originado no próprio Deus, a Bíblia será preservada imutável até que tudo seja cumprido (Mt 5:18). Se quiserem duvidar disso e dizer que houve alteração na Bíblia no decorrer do tempo, posso muito bem partir para o extremo e dizer o seguinte, “Mesmo se a Bíblia tivesse caído agora do céu na minha mão, ela ainda seria autojustificadora e verificável no tempo. E ela diz que não mudaria. Então você acreditando ou não que Deus a preservou imutável, isso é irrelevante. Não fuja do assunto.”

Afinal, inspiração e mera revelação são coisas diferentes. Inspiração é exclusiva aos registros bíblicos, não sendo apenas Deus soprando e revelando seus pensamentos, mas ainda atestando que aqueles são os seus próprios pensamentos. Já a mera revelação é a fidelidade do texto em questão com os pensamentos divinos registrados na Bíblia, sendo realmente divinos apenas os escritos que refletirem o que a Bíblia diz. Assim, mera revelação não implica em inspiração, embora o texto fiel à Bíblia também seja “divino” no sentido de ser verdade de Deus. Ou seja, a questão é separar o texto fiel à Bíblia do infiel.

⁷ O Sola Scriptura é um dos cinco Solas da reforma protestante (com o Sola Gratia, Fide, Christus e Deo Gloria). Esse princípio ensina que a Bíblia é a única regra de fé e prática fornecida por Deus para os cristãos (Mt 4:4, 5:18; Jo 6:63, 17:7; Rm 1:1-2, 15:4, 16:25-27; 1 Co 2:6-13, 15:3-8; Gl 1:6-12; Ef 2:19-22, 3:1-5; Hb 1:1,2; 1 Pe 1:10-12). Não nega o valor da tradição (escritura e oral), porém restringe a sua utilidade ao filtro prévio das Escrituras. Os judeus são prova do que uma tradição errada é capaz de fazer: assassinaram o próprio Cristo.

Católicos Romanos protestam contra o Sola Scriptura, utilizando 2 Ts 2:15 na tentativa de dizer que a tradição católica também é inspirada por Deus, logo infalível. Também utilizam Mt 16:18 na tentativa de provar que a ICAR foi instituída pelo próprio Cristo, afirmando ter sido Pedro o primeiro papa. Além disso, tentam favorecer a tradição da ICAR alegando ser ela a responsável pela

formação e preservação do cânon bíblico. Ademais, acusam o protestantismo de suprimir 7 livros deuterocanônicos (apócrifos) de um total de 46 do AT da ICAR. Por fim, contestam o princípio da livre interpretação das Escrituras, afirmando que não atribuir peso de inspiração à tradição da ICAR invariavelmente nos fará incorrer em erros de interpretação bíblica. No entanto, todas essas alegações e suposições são falsas, falaciosas e mal aplicadas (para a idolatria).

Primeiro, o cânon bíblico foi formado (soprado) pelo próprio Deus, sendo divina a sua autoridade (2 Tm 3:16,17). Homens foram meros meios usados por Deus nesse processo, reconhecendo entre si o que era inspirado e infalível (2 Pe 3:15,16). Não há nenhum texto bíblico atribuindo peso de inspiração e infalibilidade a meros homens ou tradições, ainda que profetas e apóstolos, que também são falíveis (Tg 3:2). E após Deus ter registrado o que queria, o cânon bíblico foi fechado (Ap 22:18,19). Segundo, não há nada em 2 Ts 2:15 tratando especificamente da tradição da ICAR, muito menos atribuindo divindade a essa tradição. A tradição é relevante desde que seja bíblica, coisa que o catolicismo certamente não é. Então, voltamos ao ponto anterior de que apenas a Bíblia é autoritária — *Sola Scriptura*.

Terceiro, Deus prometeu, em Mt 5:18, que preservaria a sua Palavra, predestinando tanto os fins como os meios. No caso, preservar a sua Palavra por meio de homens, inclusive ímpios (AT via Septuaginta e NT via ICAR?). Então, glória a Deus — inspiração é uma coisa (Deus); meio de inspiração é outra (profetas, apóstolos e tutelados); meio de preservação é outra (homens comuns); afinal, aprovação de tradição é ainda outra (filtro prévio pela Bíblia). A ICAR está mais para mula de Balaão do que para detentora de alguma verdade. Quarto, em Mt 16:23 o próprio Cristo confronta Pedro sobre seus pensamentos e práticas, mostrando que o compromisso de Deus nunca foi com A ou B, mas com a verdade. Ou seja, não importa a tradição, ela nunca é inspirada e infalível, devendo, antes, ser bíblica em primeiro lugar.

Quinto, os livros apócrifos foram traduzidos e englobaram o AT da Septuaginta como livros históricos, não como livros inspirados. Tanto é assim que os judeus massoretas (os responsáveis pela preservação da cultura judaica) não reconheciam os livros apócrifos como inspirados. Então, pouco ou nada importa se a Septuaginta era utilizada pelos cristãos da época — era o que estava disponível no idioma corrente (grego). O próprio Jerônimo, tradutor da Vulgata (Bíblia da ICAR), reconhece isso. Sexto e último, a ICAR se dói porque a livre interpretação forneceu, ao crente comum, o poder de acessar a Deus diretamente, livrando-nos das trevas a que estávamos sujeitos. Não há nada como o próprio Deus falar diretamente no nosso coração, com princípios lógicos e bíblicos de interpretação.

Em resumo, a autoridade da inspiração, formação e preservação do cânon bíblico é o próprio Deus. Ou seja, a Bíblia se autojustifica por causa do seu próprio conteúdo, sendo objetivamente verdadeira — *Sola Scriptura*. Homens e tradições apenas reconheceram e foram meros meios utilizados por Deus nessas situações. Fosse ou homem ou a tradição a autoridade da inspiração, formação e preservação do cânon, seriam incalculáveis as consequências negativas. Por exemplo, poderiam mudar de ideia posteriormente e não reconhecer partes inspiradas, remover partes inspiradas ou, ainda, adicionar partes não inspiradas. Isso deveria ser algo evidente, já que os profetas, apóstolos e tutelados não eram inspirados em todos os momentos, mas apenas durante o processo de escrita das Escrituras Sagradas.

⁸ Mera correlação, quero dizer, como que se houvesse uma distância entre o que Deus diz e o que foi efetivamente registrado. Ou seja, haveria margem para dúvidas se o que está registrado procede ou não diretamente do próprio Deus.

Uma pessoa pode se motivar ao assistir determinados tipos de filmes, sendo “inspirada” a fazer determinadas coisas. Contudo, a

orientação específica dessa “inspiração” não necessariamente foi o objetivo direto do autor do filme. Este é o ponto.

Portanto, em resumo, se fosse mera correlação, a Bíblia equivaleria às sensações, que não são confiáveis. Mas não. A Bíblia procede de causação direta, sendo os pensamentos do próprio Deus.

⁹ Aqui, os escritores bíblicos registraram os pensamentos de Deus como se tivessem surgido neles mesmos, concordando naturalmente com os pensamentos divinos. Em outras palavras, Deus utilizou o conteúdo e a forma dos pensamentos dos escritores para registrar os seus próprios pensamentos, que estavam em consonância com as características que o escritor já apresentava em sua vida.

Isso só foi possível porque os escritores foram predestinados para essa tarefa específica, o que constitui a verdadeira e suficiente explicação para o elemento da personalidade humana presente na maior parte da Bíblia. Quando digo personalidade humana, refiro-me ao conhecimento social e histórico próprio de cada escritor, incluindo o vocábulo e o estilo literário singular de cada um.

Em resumo, Deus inspirou a própria vida dos escritores bíblicos, sendo tudo divinamente planejado desde antes da fundação do mundo. Ou seja, desde a época de seu nascimento, passando pela educação que receberam até o momento da efetiva inspiração, a vida dos escritores foi toda uma preparação para esse propósito divino.

¹⁰ Ou seja, a Bíblia é 100% inspirada. Porém, de 100% de seu texto, a maior parte reflete a personalidade humana (95%?), enquanto o restante reflete a personalidade divina. Veja, por exemplo, o caso da ditação de Deus.

Não é como no caso de alguém que dita para a sua secretária sem controlá-la em todos os aspectos de sua vida. Antes, Deus tanto ditou

quanto controlou todo o processo, preservando a autoridade em falar ao homem, que só escuta e escreve.

Assim, a soberania de Deus sempre foi o que garantiu que os escritores bíblicos escrevessem somente o que deveria ter sido escrito, seja qual caso for (refletindo a personalidade do homem ou de Deus).

¹¹ Claro, os não-cristãos negarão que a Bíblia é inspirada por Deus. Mas por qual axioma eles supõem que podem julgar as Escrituras? Na verdade, a inspiração não é apenas possível, mas também necessária. Ora, se os seres humanos, com qualidades infinitamente inferiores, podem fazer coisas incríveis, como a notável inteligência artificial, quanto mais Deus, infinito em sabedoria e poder. Então, inspirar homens é algo bastante simples para o Deus criador.

¹² Em outras palavras, a Bíblia é harmônica. Ou seja, todos os autores falam a mesma coisa em essência, mesmo que vivendo em diferentes épocas, possuindo diferentes graus de conhecimento e utilizando palavras diferentes. Tiago e Paulo, por exemplo, concordam com a justificação pela fé e com a santificação pelas obras, porém utilizam ênfases e palavras diferentes para ensinarem cada uma dessas doutrinas. Vide os tópicos da conversão e santificação, no último capítulo desta sistemática.

¹³ Lembremos do que já dissemos no tópico possibilidade da teologia sobre contradição, a saber, que contradição é afirmar e negar, ao mesmo tempo e no mesmo sentido, alguma proposição, como X e não-X. E como qualquer afirmação automaticamente nega o seu oposto, contradições equivalem a nada, sendo absolutamente ininteligíveis. Imagina acusar Deus de contradição?

¹⁴ Isso também se aplica às contradições aparentes, que já são reais o suficiente para que devam ser resolvidas por quem as possui

(deixando, assim, de ser contradições). Ou seja, é impossível distinguir, na prática, uma contradição real de uma contradição aparente. Além disso, o que é aparente para uma pessoa não necessariamente o é para outra. Assim, não existe contradição aparente, que é real apenas para quem a possui. E aí voltamos ao fato de que a pessoa precisa resolver tal contradição em sua mente.

¹⁵ Por exemplo, a ciência, que além de ser triplamente falaciosa (indução falaciosa, sensação não confiável e experimentação), sempre se contradiz em suas orientações elementares. No tópico possibilidade da teologia elaboramos o assunto e concluímos que a ciência é uma disciplina totalmente irracional e especulativa acerca da realidade. Ou seja, a ciência jamais pode alcançar nenhuma verdade, apesar dos seus fins práticos, dada a providência de Deus. Apenas as Escrituras podem alcançar a verdade.

¹⁶ Ou seja, a infalibilidade é um termo mais forte do que a inerrância, pois um ser infalível é necessariamente inerrante, jamais podendo errar. Por outro lado, um ser inerrante não necessariamente é infalível, podendo errar num momento ou noutro. Assim, seria suficiente afirmar apenas a infalibilidade da Escritura. Contudo, para evitar confusões, é melhor afirmar, ao mesmo tempo, tanto a infalibilidade quanto a inerrância da Escritura.

¹⁷ Isso se aplica tendo ou não relação direta de dependência entre as partes afirmada e negada. A existência dessa relação direta de dependência serve só mesmo para esclarecer o que estou tentando dizer. Por exemplo, negar a ressurreição de Cristo é negar a nossa própria ressurreição, já que só ressuscitaremos porque Cristo ressuscitou primeiro. Mas mesmo sem essa relação direta, negar qualquer parte da Bíblia implica em negá-la integralmente, pois ela requer autoridade e exclusividade em todo o seu texto (Mt 12:30).

¹⁸ Uma vez que, sem ela, nenhum significado é possível, pois apenas a Bíblia se autojustifica. É o ensino do escrituralismo, conforme vimos na possibilidade da teologia.

¹⁹ Para exemplificar, Deus/a Escritura disse que, em Abraão, seriam abençoados todos os povos da terra (Gn 12:1-3; Gl 3:8), e que Faraó foi levantado meramente para revelar o poder divino (Êx 9:13-16; Rm 9:17). Em outras palavras, a garantia do que a Bíblia afirma decorre diretamente do próprio Deus.

²⁰ Por exemplo, questões sobre metafísica, epistemologia e ética. Vide possibilidade da teologia. Ou seja, essas questões são necessárias para que haja a civilização humana, considerando que a humanidade organizada precisa de regras mínimas de existência, do contrário tudo implicaria em barbárie. Trata-se de algo amplo.

²¹ Isso porque apenas as Escrituras justificam os universais utilizados pela mente, como os relativos à lógica e ao conhecimento inato (principais pré-condições de inteligibilidade). Idem. Vide possibilidade da teologia.

²² Para ilustrar, como justificar, de forma infalível, a moral absoluta à parte do Deus da Bíblia? Ou os conceitos imateriais? Ou que possuímos uma mente? Apenas a Bíblia justifica tais questões.

²³ Dizer que a Bíblia é clara é o mesmo que dizer que ela possui a característica da perspicuidade. Ademais, um dos princípios que auxiliam na interpretação bíblica é utilizar textos mais claros para lançar luz nos textos mais difíceis.

²⁴ Ou seja, não há uma elite ou um sacerdócio humano exclusivo, e as próprias Escrituras não dão nenhuma margem para que isso exista. Pensar o oposto remete à época das missas em latim do catolicismo.

²⁵ Apesar de absolutamente desnecessários, professores humanos realmente podem ser importantes e úteis no desenvolvimento da maturidade cristã (At 8:30,31). Isso porque Deus instituiu o ministério pastoral na igreja justamente para este propósito específico (Ef 4:7-13; 1Co 12:28; Ne 8:8).

Inclusive, a responsabilidade deste ofício é tão grande que a interpretação de pastores e teólogos mais experientes geralmente é mais confiável do que a da maioria das pessoas, que normalmente é inculta (Tg 3:1).

Assim, a religião cristã é autoritária, não democrática. Ou seja, os liderados devem respeitar os seus líderes, podendo desrespeitá-los única e exclusivamente se eles primeiro desrespeitarem a Escritura (Hb 13:17).

²⁶ A verdade é que liderados podem ser autodidatas a fim de serem guiados à verdade diretamente por Deus, e que terceiros humanos realmente podem ser importantes na vida dos irmãos.

²⁷ Qualquer pessoa, literalmente, independentemente da categoria da pessoa (reis, juízes, maridos, empresários, tipos de pecadores etc.) e da esfera de aplicação (lar, igreja e mundo). A autoridade e a suficiência bíblica cobrem todas as pessoas, sem exceção.

²⁸ Questões pessoais, digo, aplicáveis à individualidade da pessoa em particular, ainda que decorrentes de algo abrangente e universal, como da ética, aplicável a todo homem. Exemplo de questões pessoais: santificação, maturidade na fé, aplicação da vontade de Deus e orientação nas decisões diárias.

Ademais, é evidente que a Bíblia também é suficiente para fornecer todos os universais das questões últimas, como metafísica e epistemologia. Contudo essas questões já foram tratadas no tópico

necessidade da Escritura, sendo o foco, aqui, a orientação nas questões individuais do dia a dia, ou nas decisões pessoais.

²⁹ Digo, o conhecimento da vontade de Deus individualizada para cada pessoa resulta de leitura, entendimento e aplicação da própria Bíblia. O termo “vontade de Deus”, aqui, denota o sentido preceptivo ou revelado, que é o que Deus quer que façamos em termos éticos, não o decretivo, que é o que Deus decretou metafisicamente que façamos (pois é oculto a nós). Ver atributo da soberania de Deus, no tópico atributos de Deus, para mais detalhes a respeito.

Além disso, isso não significa saber tudo o que queremos, mas sim tudo o que Deus quis e precisamos saber. Em outras palavras, a Bíblia nos orienta na formulação das perguntas relevantes e na obtenção das respostas corretas. Não devemos tentar ser criativos e inovadores, mas aprender dogmaticamente o que a Bíblia diz.

Portanto, a Bíblia fornece informações suficientes para questões relevantes tanto positivas (ensinar) quanto negativas (refutar), seja de credo (pensamento) ou de conduta (prática). Vale lembrar que também não podemos enfatizar apenas o aspecto negativo (refutar), pois isso pode gerar um desequilíbrio.

³⁰ Ou seja, além de ser suficiente, a Bíblia é suficiente em grau máximo, pois equipa o homem para a perfeição. De fato, essa perfeição não é possível nesta vida. No entanto, essa não é uma limitação da própria Bíblia, que de fato é suficiente, mas sim do ser humano, que é pecador.

³¹ O conhecimento pode ser definido de duas formas diferentes, conforme a categoria analisada (embora a característica verdadeira da informação deva estar presente em ambos os casos).

Primeiro, conhecimento no sentido metafísico, que significa meramente a informação verdadeira, sendo ela justificada ou não. Isso porque esse nível se ocupa meramente com a característica verdadeira da informação, sendo indiferente haver ou não justificativa para ela. O contrário de conhecimento nesse sentido é a mentira, que significa a proposição com valor verdade falso.

Segundo, o conhecimento também pode ser definido no sentido epistemológico, que se preocupa com a justificativa bíblica da informação verdadeira. Nessa perspectiva, conhecimento significa a informação verdadeira e justificada. Ou seja, caso haja justificativa bíblica para uma informação específica, seja pelo sim (afirmativa justificada) ou pelo não (negativa justificada), temos conhecimento no sentido epistemológico. É o escrituralismo, que falamos ainda no capítulo 1, contendo a Bíblia todo o conhecimento nesse sentido.

Normalmente citamos a opinião como o oposto do conhecimento no sentido epistemológico, por ser a informação que não pode ser justificada (podendo, portanto, ser tanto verdadeira quanto falsa). Caso não haja justificativa bíblica para determinada informação, mas sendo verdadeira na mente de Deus, temos conhecimento no sentido metafísico e opinião no sentido epistemológico. Por exemplo, conclusões alcançadas pela ciência, pois podem ou não ser verdadeiras, já que a Bíblia não fecha o assunto, embora também possam ser úteis para fins práticos.

Portanto, uma teologia digna deve se preocupar apenas com o conhecimento no sentido epistemológico. Quem acredita em algo que não está na Bíblia tem uma mera opinião, que continuará como tal enquanto Deus não fornecer uma justificativa para ela do outro lado da eternidade.

³² Há dois tipos de justificativa bíblica para o conhecimento em sentido epistemológico.

Primeiro, a justificativa pública, que caracteriza o conhecimento público, assim definido caso possa ser provado pela Bíblia, seja explicitamente ou implicitamente por dedução ou aplicação. O conhecimento público pode ser aplicado a todos os homens de forma generalizada, como os ensinamentos sobre teologia, filosofia e apologética (conhecimento público universal). Além disso, o conhecimento público também pode ser aplicado individualmente homem a homem, como o fato de que determinado homem é mortal, ou que a ética bíblica exige posturas específicas de determinadas pessoas (conhecimento público particular). Assim, o conhecimento particular está contido no conhecimento universal.

Segundo e último, temos também a justificativa privada, sempre aplicável a situações particulares sobre nós mesmos que não podemos provar publicamente, como o autoconhecimento, o testemunho interno do Espírito Santo sobre nossa salvação ou sobre algum direcionamento específico (conhecimento particular privado). O fundamento para o conhecimento privado continua sendo público na Escritura (implicitamente por dedução ou aplicação), jamais podendo contradizê-la. Contudo, o conhecimento privado, como tal, é revelado apenas no coração da própria pessoa (1 Co 2:11).

Em outras palavras, embora a Bíblia defina publicamente como se obtém a salvação e como se porta um salvo, a verdade de que a obtivemos pela fé é fornecida por Deus no nosso próprio íntimo caso a caso. Ou seja, não há como provar isso publicamente, apenas que isso é possível pelos nossos frutos e boas obras visíveis. Assim, o conhecimento privado ainda é definido como conhecimento porque, de fato, há uma base bíblica pública de que Deus realmente fala conosco em particular, sendo algo totalmente coerente com a Bíblia.

Em resumo, permanece a máxima de que a diferença entre conhecimento e opinião é que o conhecimento é fundamentado na

revelação divina, mesmo quando se trata do conhecimento privado, enquanto a opinião se baseia na crença pessoal, sem base bíblica.

³³ Primeiro porque ser desnecessário não necessariamente significa ser inútil. Não é porque não precisa fazer que Deus não faz. Lembrar do caso dos professores humanos, que embora sejam desnecessários, são de fato utilizados por Deus para o benefício dos seus. Segundo porque a soberania divina ainda respalda essa possibilidade. Deus faz o que bem lhe aprouver. E terceiro porque a Bíblia não afirma que tais métodos cessaram. Nem implícita e muito menos explicitamente.

³⁴ Assim, desde que não contradigam a Bíblia, Deus de fato utiliza métodos extrabíblicos de orientação para nos auxiliar em nossa vida pessoal e fortalecer a nossa fé em situações específicas. Em outras palavras, apesar de a Bíblia já ser suficiente ao possuir todo o conhecimento público de que necessitamos, Deus também utiliza métodos especiais para nos lembrar do conhecimento público ou nos fornecer algum conhecimento privado em certas ocasiões.

Muitos dos que se professam cristãos negam a suficiência da Bíblia e os ensinamentos correspondentes. Vejamos dois exemplos.

(1) Alguns negam que Deus ainda utilize métodos extrabíblicos de orientação. Talvez pela tradição e pressão religiosas, mas o fato é que não possuem uma base bíblica sólida para tal negativa. Ou seja, contradizem a própria coerência que exigem em todas as outras doutrinas que supostamente creem. Ora, o Antigo nem o Novo Testamento restringem as revelações de Deus apenas àquelas que sejam canônicas, podendo também haver revelações divinas simplesmente para fortalecer o seu povo, inclusive sobre o futuro.

(2) Já outros recusam a Bíblia como método ordinário de revelação, insistindo que Deus deve guiá-los, ao menos ocasionalmente, de forma extrabíblica. Talvez porque não estudaram as Escrituras

seriamente e não creem nelas como método suficiente de revelação. Se Deus não falarem com eles de forma extraordinária, acham que está faltando algo essencial e necessário. Isso também é absurdo.

Em todo caso, tanto os cessacionistas (primeiro grupo) quanto os fanáticos (segundo grupo) estão em rebeldia e devem se arrepender.

³⁵ Muitos não estão nem aí para esta proibição, alguns inclusive se dizem cristãos. Ou seja, eles acham correto tentar buscar orientação de Deus no próprio diabo. Estes estão num nível acima de rebeldia, e caso não se arrependam certamente serão punidos no inferno com todos quantos assim o fazem.